

**A LUTA INTERNACIONAL DAS MULHERES DA FRENTE DE
LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)****THE INTERNATIONAL STRUGGLE FOR WOMEN OF THE MOZAMBIQUE
LIBERATION FRONT (FRELIMO)**

Resumo: As conferências internacionais de mulheres entraram em evidência nas décadas de 1960 e 1970. Este artigo tem como objetivo central a investigação do campo político internacional no qual as mulheres integrantes da Frente de Libertação de Moçambique estavam ativamente inseridas. Ao analisarmos a publicação “The Mozambican Woman in the Revolution” (1974) produzida pela organização Liberation Support Movement do Canadá parte do documento se dedicou a atuação das mulheres da FRELIMO durante a 10ª Conferência das Mulheres Africanas (AAWC), de 1972. Esse documento revela não apenas a forma de atuação das mulheres, mas como elas formaram uma ampla e complexa rede política internacional durante a Guerra Fria.

Palavras-chave: Frente de Libertação. FRELIMO. Moçambique. Mulher. África

Abstract: International women's conferences came to the fore in the 1960s and 1970s. This article has as its central objective the investigation of the international political field in which the women members of the Frente de Libertação de Moçambique were actively involved. When analyzing the publication “The Mozambican Woman in the Revolution” (1974) produced by the Liberation Support Movement from Canada, part of the document was dedicated to the work of FRELIMO women during the 10th African Women's Conference (AAWC), in 1972. This document reveals the way women acted as they formed a broad and complex international political network during the Cold War.

Keywords: Mozambique Liberation Front. FRELIMO. Women. Africa

Júlia Tainá Monticeli Rocha

Mestra em História

pela Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul
(PUC/RS)

juliatainamonticeli@gmail.com



<https://doi.org/10.4013/rlah.2022.1128.05>

1 Introdução

A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) esteve por 13 anos em um dos maiores polos de descolonização do continente africano da década de 1960 (Burton, 2019; Ivaska, 2018). Era dos seus escritórios da Tanzânia que a Frente se conectava com organizações e líderes políticos de diversas partes do mundo. Combatendo o colonialismo português, com armas e com diplomacia, era através das redes internacionais que a FRELIMO conseguia financiamento, treinamento e material para a sua resistência. Para compreender as articulações das mulheres da FRELIMO nas redes internacionais que fizeram parte e que galgou a Frente como a única representante do nacionalismo moçambicano é necessário um olhar amplo e atento ao seu contexto de atuação.

Exploraremos o contexto que se inserem os processos de luta por libertação nacional no continente africano comumente chamado de “Guerra Fria”. A tensão, as estratégias e os conflitos entre as duas maiores potências mundiais, Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), não devem ser percebidos de maneira rápida ou simplificada. O campo de influência das duas potências ao redor do mundo evidência o alcance complexo dos apoios, alianças, ajudas militares e o envio de especialistas aos diversos países que intervieram concretizando guerras e agenciando acordos de paz.

Se, por um lado, os dois espectros políticos são distintos e diversos, por outro, as duas maiores potências convergiam em um único sentido: o fim do colonialismo. Seja através do capitalismo liberal estadunidense e sua gana em mostrar-se ao mundo como uma civilização superior defensora da liberdade individual e do livre mercado, seja através do social marxismo-leninismo e sua campanha anti-imperialista contrário as formas de exploração capitalista, a FRELIMO utilizou as oportunidades disponíveis para percorrer os caminhos que levaram até o seu reconhecimento.

Outros países de grande influência não podem ser combinadas com papéis secundários ou menores a esse contexto, esse é o caso da China após a Revolução socialista, em 1949, quando tornou-se uma “terceira força”, um dos maiores desafios enfrentados pela União Soviética e complexificou ainda mais a compreensão da multiplicidade de visões sobre o comunismo. Outro país que não pode ser desconsiderado é Cuba que também manteve uma grande influência no continente africano, sobretudo no Congo Brazzaville e em Angola, mas também pelo posicionamento do líder político cubano Fidel Castro diante do conflito com os

Estados Unidos e seu posicionamento singular dentro da corrente de pensamentos comunistas. Dois exemplos citados que ilustram muito bem um período de contrastes multicoloridos ao lado das duas grandes bandeiras que se pensavam dividindo o mundo. A mudança de foco e significado proposta por essa nova visão historiográfica aumenta o panorama analítico evitando ao máximo as armadilhas do generalismo histórico.

Portanto, é necessário ainda levar em conta para compor a diversidade do período os conflitos internos dos países europeus, as ditaduras e os movimentos de resistência na América Latina, as guerras no Oriente Médio, os emergentes partidos socialistas, a influência do maoísmo em diversas partes do mundo e a ebulição de novas ideias em trânsito.

O trabalho de Westad (2007) é essencial para a compreensão das diversificadas práticas políticas, proporcionando uma percepção ampla da competição por intervenção. Essa visão está amparada no agenciamentos dos líderes políticos como dirigentes de suas políticas singulares, tornando evidente a visão dilatada sobre as políticas multipolares que se concretizavam a partir do terceiro mundo. Westad (2007) é exato em sua revisão historiográfica ao perceber conceitos em grande escala acomodando novas interpretações sobre a Guerra Fria.

As ações dos líderes políticos que formaram o espaço conhecido como “terceiro mundo” pode ser percebido ao olharmos para os mais diversos momentos em que se reuniram e reforçaram seus vínculos políticos. Como exemplo, desde 1945, em Manchester (Inglaterra), o Congresso Pan-africano foi um dos primeiros grandes eventos anticoloniais entre os movimentos de libertação e organizações internacionais. Outros grandes eventos históricos ocorreram e promoveram a importância do terceiro mundo, entre eles, a Revolução comandada por Gamal Abdel Nasser no Egito (1952) e na Argélia a formação de Front de Libération Nationale (FNLA) no combate a dominação francesa (1955). Outros eventos importantes no continente asiático são tema de debate na Conferência de Bandung, em 1955, onde o sentimento de solidariedade entre os países do terceiro mundo se concretiza em práticas políticas que desafiaram as lógicas impostas pela Guerra Fria.

Sem esquecermos, no entanto, de percebermos a importância dos movimentos civis de contracultura e sua influência nas decisões políticas de líderes e governos. O caso que mais nos interessa é o movimento das mulheres e sua luta por direitos como um movimento político de crescente pressão sobre as políticas da década de 1960 e 1970. Para a pesquisadora Francisca de Haan (2018) se houvesse um domínio no qual a União Soviética poderia impressionar o

mundo e, portanto, poderia competir pacificamente com os EUA, era o status e os direitos das mulheres.

Como se sabe, durante as décadas de 1960 e 1970, o ocidente observou as mudanças ocasionadas por movimentos feministas que reivindicavam o direito ao divórcio, ao aborto e a igualdade salarial. Os esforços para a mudança dos costumes patriarcais foi promovida pelo livro da estadunidense Betty Friedman, *A mística feminina* (1963) que revelou pela primeira vez a ilusão criada pelo “American Dream” que prometia felicidade e liberdade porém, através do consumo excessivo, provocou nas mulheres um sentimento de insatisfação generalizado. Na França, um livro escrito em 1949 começou a ganhar notoriedade apenas na década de 1960, *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir, refletiu sobre a mulher em sociedade e denunciou o lugar de segunda categoria no qual os homens mantinham as mulheres para reforçar a desigualdade de gênero através do controle comportamental feminino. Em 1970, a prisão de Ângela Davis a transformou em um símbolo feminino de resistência antirracista em todo o mundo, percorrendo sua rota de fuga através da Tanzânia, afirmou seu apoio às lutas anticoloniais promovidas por organizações africanas como a FRELIMO.

No oriente, a Frente revolucionária moçambicana era participante ativa nas redes de contatos estabelecidas pelos encontros internacionais promovidos pela URSS e outros países socialistas. Entre esses encontros, muitos foram dedicados à participação das mulheres e seus direitos. Para a pesquisadora Judy Tzu-Chun Wu (2018) a década de 1960 e 1970 é marcada pela reunião, correspondência e encontros entre mulheres, em todo o mundo, evidenciando a capacidade de estabelecer um sentimento de “indignação moral entre as mulheres além das fronteiras nacionais, culturais, raciais e de classe”, principalmente “fundada na crença de que todos os seres humanos poderiam compartilhar de um senso de comunidade e propósito” (2018, P. 211). Portanto, é de grande importância para esse trabalho destacar a influência da União soviética no que se refere aos direitos das mulheres, durante as décadas de 1960 e 1970, mas sem esquecer, como esse era um movimento civil crescente em diversas partes do mundo.

É dentro desse escopo de pesquisa, que percebemos o desenvolvimento do feminismo internacionalista promovido principalmente pelos países que compunham o bloco soviético e participantes das lutas anticoloniais. Como exemplo, o surgimento de uma série de organizações femininas vinculadas a organizações anticoloniais como a União das Mulheres do Vietnã, a Organização das Mulheres Angolanas, a Organização da Mulher na Tanzânia e a Organização das Mulheres Moçambicanas. Dentro do imaginário do ativismo internacional do

período, Judy Tzu-Chun Wu (2018) desenvolve o conceito de “orientalismo radical”, ou seja, considera fundamental a diferença entre as mulheres do ocidente e do oriente em um período onde indivíduos do oriente moldaram ativamente suas imagens para o ocidente¹. Nesse contexto, as mulheres moçambicanas foram frequentemente representadas pela figura de Josina Machel, promovida pela FRELIMO como o “ícone da emancipação da mulher moçambicana” e “heroína da Revolução” durante os anos de luta anticolonial. Josina Machel nasceu em 1945, em Vilanculos, na Província de Inhambane região sul do país. Em 1969, casou-se com Samora Machel, o segundo líder político da FRELIMO, com quem teve um filho. A data da sua morte, o 7 de abril, foi instituído pela Frente como “dia da mulher moçambicana”. Apesar de ser uma referência da “nova mulher” da FRELIMO, morreu em 1971, quatro anos antes da independência do país. Serviu como modelo e mentora, não somente para os propósitos do projeto político da FRELIMO para o seu país, mas serviu para definir a identidade e os objetivos da Frente em perspectiva global.

O caso moçambicano é, portanto, significativo quando percebido de maneira ampla e profundamente atrelado ao contexto citado. A Tanzânia, na época Tanganyica, é um dos importantes polos de descolonização trabalhados na obra de Burton (2019) cenário no qual as ações de grande parte dos ativistas da FRELIMO se desenvolveram. Para o autor, os anos de 1960 e 1970 são marcados pela dinâmica da Guerra Fria e pelos esforços para a descolonização do continente africano deslocando os centros de ativismo localizados ao norte global para o sul global, principalmente, nos países como a Tanzânia que realizaram sua independência e dedicaram-se a descolonização como ação fundamental de sua política externa. É esse centro de ativismo que promoveu uma intensa rede anticolonial e transnacional diversa e densa que nos dedicaremos nas páginas a seguir.

¹ Como exemplo, Tzu-Chun Wun (2018) salienta que a imagem da mulher asiática sexualizada e vitimada foi substituída pelas mulheres lutadoras das guerras vinculadas as lutas anticoloniais e serviram como um novo modelo de feminilidade revolucionária.

2 A FRELIMO em Dar-es-Salaam

A independência da Tanganyica, em 1961, tornou possível a transição de diversos movimentos políticos anticoloniais para a cidade de Dar-es-Salaam. Um anos após sua independência, a união da Tanganyica com o seu país vizinho Zanzibar, fundou a República Unida da Tanzânia. O apoio do país foi fundamental para a formação de diversos movimentos anticoloniais por meio da Tanganica African National Union (TANU), liderada por Julius Nyerere. Um ano após a independência da Tanganica, Julius Nyerere foi nomeado como presidente após um plebiscito popular. Defendia a formação de uma unidade africana através de uma linha política socialista. Seu pensamento político estabelecia um vínculo com outros movimentos anticoloniais, favorecendo o surgimento de movimentos de independências orientados política e ideologicamente a esquerda. Como se lê:

As the first country to gain independence in East Africa, Tanganyika quickly attracted diplomats from around the world – also because it hosted liberation movements. Refugees from Southern Africa flowed in and liberation movements quickly seized the opportunity to follow Nyerere’s invitation to set up camps and offices in Tanzania. As a gate to both the region and liberation movements, East Germans, Soviets, and Czechoslovaks all wanted to establish good relations with Tanganyika despite their suspicion of the “bourgeois” Nyerere and his “collaboration” with Western countries. The new connections were quickly inscribed into the city’s geography. In Dar es Salaam’s north, “the communist embassies, plus a smattering of representations from radical non-aligned states like Algeria and Indonesia, were scattered along Upanga Road, earning it the nom de guerre ‘Red Boulevard’.”⁹⁹ The offices of ANC, ZAPU, ZANU, FRELIMO, and other organisations were concentrated along Nkrumah Street, close to a Chinese restaurant which was popular with leaders of liberation movements and rumoured to serve as a front for unofficial Chinese operations in East Africa. (BURTON, 2019, p. 48-49).

A partir da Tanzânia, a Frente revolucionária moçambicana foi formada e estabeleceu sua base política e militar, negociando acordos e alianças com o objetivo central a conquista da independência total do território moçambicano. Sem esquecer, que a FRELIMO por um breve período de dois anos, se formou em outro polo de descolonização distinto, o Cairo no Egito. Porém, a formação da FRELIMO foi concretizada no país vizinho Tanzânia e a aproximação de Julius Nyerere com a liderança de Eduardo Mondlane consolida o seu cargo de presidente da Frente e de seu vice-presidente Uria Simango.

A cidade de Dar-es-Salaam tornou-se um centro político onde guerrilheiros, diplomatas, repórteres, imigrantes, estudantes, refugiados, líderes e todos aqueles dedicados a descolonização do continente podiam trocar experiências, visões, apoios, assim como, fundar sedes e instituições. Esse foi o caso da FRELIMO ao fundar o Instituto Moçambicano. A partir das ações da Instituição o líder político da FRELIMO Eduardo Mondlane adquiriu o financiamento da Fundação Ford e do Conselho Mundial de Igrejas (Burton, 2019). Institutos como o moçambicano além de arrecadar ajuda externa também funcionaram como um proto-estado oferecendo mais poder a FRELIMO na administração de seus militantes (BURTON, 2019). Promovendo experiências administrativas que eles carregariam até a gerência do próprio país.

De modo geral, desde 1962, no Cairo, a China manteve boas relações com a FRELIMO para o envio de instrutores militares chineses, registrados principalmente em acampamentos militares na Tanzânia. Essas relações foram gradualmente diminuindo de forma que a FRELIMO passou a receber cada vez mais aprovação da União Soviética e da Alemanha oriental fechando negócios com sucesso de ajuda armada até 1967 (Burton, 2019).

Em geral, o contexto onde se inseriram os movimentos anticoloniais africanos aconteceram em grande parte em centros de ativistas do continente. Esses locais também promoveram ligações com a parte leste global que fomentaram uma maior radicalização da política da FRELIMO acentuando a militarização do Movimento.

Porém, é possível afirmar ainda que o universo de circulação dos militantes da Frente era muito maior que apenas os polos de descolonização do continente africano como foi as cidades do Cairo e de Dar es Salaam. Seus parceiros estrangeiros foram mais diversos do que apenas EUA, URSS ou China. Devemos citar ainda a participação dos ativistas moçambicanos da Frente em redes de circulações internacionais como em Lisboa, Paris e os inúmeros contatos com os países do leste europeu.

Os fundamentos explorados pela FRELIMO ao assumir a gestão do governo de seu país não pode ser reproduzida de maneira a obliterar outros caminhos e opções disponíveis nos mais diversos lugares que seus militantes circularam e negociaram. O Partido único no poder após a independência de Moçambique produziu uma única história oficial onde atores políticos foram designados entre heróis e traidores. Algumas mulheres acabariam por sofrer do mesmo destino. Porém, devemos estar atentos para perceber que esse tipo de designação, traidoras ou heroínas, são atribuições políticas simplificadoras para sujeitos políticos complexos.

3 As articulações das mulheres da FRELIMO

Para as mulheres que atravessavam a fronteira do território moçambicano para ingressar na FRELIMO coube a participação política através das Women's club², onde aprendiam com as mulheres tanzanianas diversos métodos de organização e trabalho. A Liga Feminina Moçambicana (LIFEMO), inspirada nas Women's club, foi a primeira organização feminina da Frente, fundada e presidida por Celina Simango, esposa de Uria Simango. Celina nasceu em 1938, em Sofala, no centro de Moçambique. Foi estudante de uma Missão protestante na região da Rodésia onde conheceu o Reverendo Uria Simango.

Como se sabe, o Reverendo Uria Simango foi um dos fundadores da FRELIMO e concorreu, durante o I Congresso da FRELIMO em 1962, às eleições para líder do Movimento. Com a maioria dos votos, Eduardo Mondlane se torna o primeiro líder revolucionário da Frente e coube a Uria Simango, o segundo mais votado, ocupar cargo de vice-presidente. Após a morte de Eduardo Mondlane, em 1969, Uria Simango entra em conflito com a administração de Samora M. Machel após a constituição de um Conselho de Presidência constituído por Uria Simango, Samora Machel e Marcelino dos Santos. Após conflitos internos, Celina Simango e Uria Simango foram expulsos da Frelimo comandada por Samora M. Machel acusados de traição por um tribunal popular realizado na zona libertada pela FRELIMO. Julgados e considerados “traidores da Revolução” pela Frete revolucionária, ambos foram mortos.

Entretanto, o trabalho político de Celina Simango transcende o sofrimento dos seus últimos dias e é fundamental para compreensão da história de articulação das mulheres da FRELIMO. Em 31 Julho de 1962, a LIFEMO participou, em Dar-Es-Salaam, da Primeira Conferência das mulheres africanas³. No mesmo evento, é criada a Organização Pan-africana das mulheres. Participaram 14 países e oito movimentos de libertação, com o objetivo de discutir o papel da mulher africana na reconstrução do continente após as guerras anticoloniais, no acesso à educação, no combate as epidemias e na garantia da paz. A experiência das atividades internacionais realizadas pela LIFEMO marcam a trajetória de articulação das mulheres da FRELIMO durante todos os anos de luta anticolonial.

Celina Simango foi uma pioneira dos encontros internacionais de mulheres e visitas à países aliados. Como exemplo, no primeiro dia de abril de 1964, Celina Simango foi convidada

² Inspirada nas Ligas Femininas existente nas colônias inglesas (CASIMIRO, 2001).

³ Esse evento ficou marcado pela criação do dia da mulher africana instituído dia 31 de julho.

pela Federação das Mulheres Chinesas a visitar quatro províncias do país asiático onde pôde conhecer a organização do trabalho das mulheres em cada uma das províncias (FRELIMO, 1964). Primeiro dos muitos convites que as mulheres receberam nos seus anos de atuação durante a luta armada da FRELIMO.

No Primeiro Congresso da LIFEMO, Celina Simango demonstrou sua defesa na participação da mulher na luta de libertação nacional. Salientando a importância da participação das mulheres na luta armada, como se lê:

Neste mesmo momento em que estou a falar, centenas de mulheres em Moçambique enfrentam com armas na mão o inimigo ou defendem as populações. Algumas delas já deram as suas vidas em batalhas violentas. Muitas mais farão o mesmo. Por isto, nós podemos ver que a mulher moçambicana está a dar a sua completa participação na luta, de libertação de Moçambique.(SIMANGO, 1966)

A LIFEMO tinha como objetivo mobilizar o apoio das mulheres de diversas organizações para o movimento revolucionário moçambicano. Objetivo promovido pelo trabalho central da vice-presidente da Liga feminina, Janet Mondlane, esposa do líder revolucionário Eduardo Mondlane. Janet Rea Mondlane, nasceu em 1938, em um bairro nobre de Chicago nos Estados Unidos. Eduardo Mondlane com o auxílio da Missão Suíça que integrava passou quase 15 anos no exterior. Após conseguir o financiamento de uma bolsa de estudos na Oberlin College se mudou para os Estados Unidos, em 1951. É no país norte americano, durante um dos retiros de sua igreja, conheceu Janet Mondlane (Ivaska, 2018).

Janet Mondlane estava presente nos primeiros momentos de formação da FRELIMO em 1962. Em 1963, foi a primeira diretora do Instituto Moçambicano, coordenando o recebimento do apoio monetário da Fundação Ford e do Conselho Mundial de Igrejas. Esse cargo rendeu uma série de desconfianças internas de militantes da FRELIMO que acusavam Eduardo e Janet Mondlane de serem parceiros dos Estados Unidos por receberem dinheiro estadunidense, mas também, pela sua intensa ligação com a ONU (Organização que Eduardo Mondlane trabalhou) e por Janet Mondlane ser uma mulher branca, rica e estadunidense.

O fato é que as conexões e o financiamento norte-americanos, adquiridos através dos esforços do casal Mondlane, foram cruciais para as operações da FRELIMO nos acampamentos de treinamento na Tanzânia, e, principalmente, na criação do Instituto de Moçambique que funcionou como uma escola e centro de formação para refugiados políticos (Ivaska, 2018). O que se sabe, é que as conexões americanas levaram ao descontentamento de integrantes da

FRELIMO particularmente aqueles que se sentiram excluídos do poder de tomada de decisão pelo que o viam como um “líder casado com uma branca americana dominado por moçambicanos do sul com maior nível educacional” (Ivaska, 2018).

Segundo Bradley (2010) as intervenções americanas, chinesas e soviéticas em países como o Vietnã, Angola, Moçambique, Etiópia, América central e Afeganistão tomou a forma cada vez mais intrusiva e militarizada. Por sua vez, atos violentos marcaram a morte de líderes políticos como foi o caso de Eduardo Mondlane ao receber uma carta-bomba anônima. A autoria do atentado levantou suspeitas dentro da própria FRELIMO o que ocasionou o distanciamento de Janet do centro diretivo da Frente moçambicana.

A morte de Eduardo Mondlane evidência o afastamento da ala mais moderada da FRELIMO. Os conflitos internos que se seguiram aos anos após sua morte está marcado pela expulsão, afastamento e perseguição de opositores políticos. Samora Moisés Machel, o segundo líder da FRELIMO, saiu vitorioso das disputas internas que ocorreram no Movimento Revolucionário após a morte de seu primeiro líder.

O afastamento das dirigentes da LIFEMO da coordenação da Liga resulta na sua desarticulação encerrando as atividades femininas. A segunda organização exclusivamente feminina foi fundada por Samora M. Machel, o Destacamento Feminino (DF), um pelotão feminino armado, em 1966, treinado no seio do exército da FRELIMO, do qual, Machel era o comandante geral antes de sua promoção. Assim como a LIFEMO, o DF continuou a missão de participar dos eventos internacionais.

Com uma renovada articulação da organização de mulheres da FRELIMO novos nomes surgiram. Destacamos nessa escrita o nome de Deolinda Guezimane, nasceu em 1943, na cidade de Buzi na Província de Sofala, centro de Moçambique. Em 1965, atravessou a fronteira da Tanzânia para se juntar a FRELIMO e de 1966 a 1967 foi enviada pelo Movimento com um pequeno grupo para estudar em uma escola Komsomol (Liga Jovem Comunista) na União Soviética. Casou com Raúl Guezimane, em 1970, fez parte da LIFEMO e da secção da Mulher da FRELIMO. Foi a primeira secretária geral da Organização das Mulheres Moçambicanas (1973-1976) (Darch, 2018).

Deolinda foi a porta-voz do movimento feminino desde a formação do Destacamento Feminino até os anos finais da sua atuação como secretária geral da OMM. Suas participações em eventos internacionais, dos quais há registros em diversos jornais e periódicos, são acompanhadas por falas, de modo geral, promovendo o projeto da FRELIMO como a única

solução para o fim da opressão da mulher em Moçambique. Como continuaremos a nos aprofundar no subcapítulo seguinte.

4 A 10ª Conferência das Mulheres Africanas: Dar-es-Salaam, 1972.

Como exposto, o trabalho do DF não estava somente ligado ao exército da FRELIMO. Ficou a cargo dessa organização outro importante trabalho: o de representar a Frente em encontros internacionais femininos. Entre os diversos encontros de mulheres, nos focaremos na Décima Conferência das mulheres africanas, realizada em 1972, em Dar-es-Salaam, onde Deolinda Guezimane, membro do Destacamento Feminino e do Comitê Central, foi a porta-voz principal do Movimento revolucionário moçambicano. O ano de 1972 marca a realização de uma série de encontros internacionais de mulheres em diversas partes do mundo.

No mesmo ano, a mesma delegação feminina moçambicana foi convidada pela Federação das mulheres da República Democrática Alemã (R.D.A.) entre 30 de julho e 11 de agosto de 1972 a visitar a Alemanha oriental. O objetivo principal desse encontro foi “estudarmos o processo de desenvolvimento da R.D.A, em particular no que respeita às realizações específicas das mulheres daquele país.” (VOZ DA REVOLUÇÃO, 1972, p.4). Os encontros incluíam visitas a fábricas, cooperativas, orfanatos, escolas e reuniões com responsáveis pela organização de mulheres da R.D.A. Outro importante evento, no mesmo ano, ocorreu na Mongólia, a 10ª Conferência afro-asiática das mulheres, realizada de 13 a 20 de agosto de 1972 em Ulan-Bator. É importante lembrar que, nos anos anteriores, a Conferência que criou a Organização afro-asiática das mulheres foi marcada pela presença da LIFEMO. Portanto, o Destacamento Feminino era o representante oficial da Frente e o órgão oficial continuador do trabalho da LIFEMO. Em relação ao conteúdo da explanação da delegação, pouco havia mudado desde a época da extinta LIFEMO.

Em 1974, a articulação das mulheres da FRELIMO chamou atenção de organizações internacionais como no caso da Liberation Support Movement do Canadá que fez a publicação do documento “The Mozambican Woman in the Revolution” publicado em 1974. Parte do documento se dedicou a atuação das mulheres da FRELIMO durante a 10ª Conferência das Mulheres Africanas (AAWC), de 1972, do qual retiramos as informações para esse artigo.

Uma parte importante da luta dos movimentos de libertação africanos foi articulada pelas organizações internacionais anticoloniais, como a Liberation Support Movement do Canadá, que além de suscitarem a pressão pública à governantes e líderes políticos do norte global no caminho da descolonização do continente africano, também trabalharam na produção de materiais informativos de apoio à descolonização (Schliehe, 2019). As suas mais diversas publicações foram essenciais para informar movimentos civis dos acontecimentos promovidos pelos movimentos libertação do continente africano.

O documento define as Conferências internacionais de mulheres africanas como uma “plataforma de luta a partir da qual as mulheres do nosso continente podem coordenar os seus esforços na dura luta que estão a empreender contra as forças que as oprimem” (LIBERATION SUPPORT MOVEMENT, 1974, 15). Ou seja, um espaço de pressão política onde as mulheres do continente africano trocaram experiências e ofereceram apoios, além de promoverem os projetos políticos aos quais estavam associadas. A Conferência evidenciou que a luta por direitos femininos foi um assunto transversal entre os países não alinhados e um assunto de grande relevância muito além das fronteiras moçambicanas:

A situação das mulheres exploradas e oprimidas não é um fenómeno limitado a Moçambique. Na maioria dos países e em todos os continentes, as mulheres são, em diferentes graus, privadas dos seus direitos mais fundamentais, impedidas de participar na vida política, confiadas às tarefas de procriação e de cuidado do lar e sujeitas a autoridade tirânica. (LIBERATION SUPPORT MOVEMENT, 1974, P. 18)

A revolução era o único caminho percebido para a conquista dos direitos femininos. Para tanto, a “Conferência felicitou as mulheres e os povos dos países socialistas pelos sucessos na construção de uma nova sociedade e pela forma exemplar como assumiram o seu dever internacionalista.” (1974, 25). Tornando a Guerra Fria um amplo espaço político e social de luta feminina realizado a partir da articulação de grupos de mulheres como as que faziam parte da FRELIMO.

É importante perceber, por fim que, a realização das Conferências das mulheres marcam a abertura de novas perspectivas. As reuniões não eram hegemônicas e criavam uma rede internacional de oportunidades dentro dos múltiplos contatos entre as organizações femininas. As mulheres modernas que participavam defendiam a modificação da sociedade, através do nacionalismo anticolonial, no combate às estruturas que privilegiavam os homens.

Considerações finais

A história não pode ser utilizada para a compreensão de períodos conflituosos a partir dos resultados de suas resoluções. O passado não foi fruto da manipulação política de apenas dois grandes atores principais disputando as linhas que controlavam os líderes políticos do terceiro mundo. Pelo contrário, ao olharmos para o agenciamento das mulheres da FRELIMO percebemos a atuação de líderes políticos e suas esferas de influência. Negociações, acordos e alianças foram forjadas no terceiro mundo e podem ser compreendidas em escala global, sobretudo, quando percebemos que um assunto específico, como o direito das mulheres, era transversal e expõem a fragilidade da dicotomia declarada do contexto da Guerra Fria. Corroborando para uma interpretação da Guerra Fria compreendida a partir de sua multipolaridade.

A história não é apenas uma, pelo contrário, ela é escrita pelos resultados gerados a partir de um leque de opções possíveis. A FRELIMO, responsável por essas opções, trilhou o seu caminho medindo as suas ações em meio ao conflituoso período da Guerra Fria. Porém, não devemos esquecer, que o processo de higienização e punição dos anos que se seguiram a independência do país foi também uma das opções determinadas pelo próprio Partido único no poder. O Partido que escolheu por uma Revolução marxista-leninista em defesa da libertação do próprio povo, foi o mesmo que criou campos de reeducação e um sistema altamente disciplinador e punitivo que encarcerou opositores políticos, percebidos como “traidores”.

E por fim, a história não é feita apenas por homens. A escolha em integrar um movimento feminino dentro da FRELIMO inseriu o movimento e partido político nos termos do feminismo internacionalista em desenvolvimento no período. O processo revolucionário foi fundamental para a criação de espaços exclusivos e conquistados por mulheres, como a Liga Feminina de Moçambique, o Destacamento Feminino e a Organização da Mulher Moçambicana, promovendo maiores oportunidades de participação política através das campanhas de alfabetização e na modificação de leis e estatutos estabelecidos como objetivos centrais após 1977 durante o III Congresso da FRELIMO. Nesse sentido, foi imperativo refletir sobre o papel da mulher na sociedade moçambicana, elevando-a pela primeira vez como cidadã.

Por outro lado, muitos foram os governos totalitários que desapareceram com vestígios históricos importantes para preencher as lacunas dos documentos oficiais. Moçambique sofre

desse mesmo destino. A ausência de um governo democrático desenvolveu movimentos femininos vinculados ao Estado, onde um homem como Samora M. Machel passou a ditar o movimento de mulheres assumindo o controle comportamental feminino elegendo quais delas agiam de “maneira revolucionária” e quais eram as “inimigas da Revolução”. Por isso, a cada ano se revelam novos vestígios do passado e mais pessoas conhecidas e desconhecidas transportam dentro de si as consequências dos anos conflituosos que marcam o contexto da Guerra Fria. Um verdadeiro acordo de paz requer reconhecimento dos erros cometidos contra os direitos humanos, cívicos e políticos do passado.

Referências

FRELIMO, ACTIVIDADES DA FRELIMO NO EXTERIOR, Boletim de informação, no. 8, 1964.

FRELIMO: SISTER SELINA SIMANGO IN CHINA. Mozambican revolution, no. 7, 1964.

FRELIMO: Discurso de abertura a Sra Selina Simango, Presidente da LIFEMO, A voz da revolução, no. 6, 1966.

BRADLEY, Mark Philip. “Decolonization, the global South and the Cold War, 1919-1962. In: WESTAD, Odd Arne & LEFFLER, Melvin (Eds.). *The Cambridge of The Cold War*. Vol.1 - Origins. New York: Cambridge, 2010, pp. 464-485.

BURTON, Eric. “Hubs of Decolonization. African Liberation Movements and ‘Eastern’ Connections in Cairo, Accra, and Dar es Salaam” In: DALLYWATER, Lena; SAUDERS, Chris & FONSECA, Helder Adegas (Eds.). *Southern African Liberation Movements and the Global Cold War “East”*. Berlin/Boston: Degruyter, 2019

HAAN, Francisca de. “The Global Left-Feminist 1960’s. From Copenhagen to Moscow and New York” In: In: JIAN, C; KIRASIROVA, M; NOLAN, M & WALEY-COHEN, J. *The Routledge Handbook of the Global Sixties: Between Protest and Nation-Building*. New York: Routledge, 2018, pp.230-242.

IVAKSA, Andrew. Liberation in Transit: Eduardo Mondlane and Che Guevara in Dar es Salaam. In: JIAN, C; KIRASIROVA, M; NOLAN, M & WALEY-COHEN, J. *The Routledge Handbook of the Global Sixties: Between Protest and Nation- Building*. New York: Routledge, 2018, pp.27-38.

PRASHAD, Vijay. *The Darker Nations: a people’s history of the Third World*. New York: New Press, 2007.

SURI, Jeremi. Counter-Cultures: the rebellion against the Cold War order, 1965- 75. In: WESTAD, Odd Arne & LEFFLER, Melvin (Eds.). *The Cambridge of The Cold War*. Vol.2 – Crises & Détente. New York: Cambridge, 2010, pp. 460-481.

TZU-CHUN WU, Judy. "Hypervisibility and Invisibility. Asian/American women, radical orientalism, and the revisioning of global feminism". In: JIAN, C; KIRASIROVA, M; NOLAN, M & WALEY-COHEN, J. *The Routledge Handbook of the Global Sixties: Between Protest and Nation-Building*. New York: Routledge, 2018, pp.211-229;

WESTAD, Odd Arne. *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*. New York: Cambridge University Press, 2007

DARCH, Colin. *Historical disctionary of Mozambique*. Rowman & Littlefield Publishers ,2018.

Recebido em: 05/08/2022

Aceito em: 16/08/2022



RLAH

Agosto/Dezembro de 2022